



# **MEU DOURO**

**Projecto com Escolas 2009/2010**

Esta publicação do Meu Douro – Projecto com Escolas 2009/2010 é dedicada a todas as crianças, jovens e professores que participaram e co-construíram este projecto.

## Índice

|  |    |
|--|----|
| Prefácios                                    | ?  |
| Meu Douro                                    | ?  |
| Apresentação                                 | 7  |
| Percurso e Programa do Projecto              | 11 |
| Eu sou Paisagem                              | 17 |
| Museu, escola, projecto                      | 23 |
| Ler. Ver. Ouvir. Consultar.                  | 25 |
| Lista de escolas e professores participantes | 27 |
| Ficha técnica                                | 29 |
| Frases sobre Rios                            | 30 |

**Elisa Pérez Babo**

Presidente do Conselho de Administração da Fundação Museu do Douro

O robustecimento, designadamente junto das gerações mais jovens, do sentido de pertença e da identidade relativamente ao seu território e ao património cultural e natural que lhe pertence constitui condição essencial para o desenvolvimento e para a sustentabilidade local e regional. A qualificação das pessoas evidencia-se, actualmente, como uma dimensão estratégica fundamental no quadro do desenvolvimento dos territórios, sendo que ela apela para dimensões de conhecimento e de competência muito diversas, onde se englobam componentes claramente associadas à construção das identidades, pessoais e colectivas, e centradas nos activos específicos de natureza cultural. Por outro lado, a coesão social assume-se igualmente como uma dimensão estratégica para o desenvolvimento regional, sendo que o seu equilíbrio apela às mesmas dimensões referidas, essenciais na formação da auto-estima e do inter-reconhecimento dos diferentes grupos sociais em presença.

O programa “Rios Douro” que o Museu do Douro está a desenvolver no actual biénio 2010 / 2011 e que apela às diversas realidades do rio, constitui um excelente recurso para trabalhar com a população do Douro tais dimensões da identidade e do sentido de pertença. É neste sentido também, que o Museu do Douro insere dentro das suas prioridades estratégicas e programáticas o trabalho sistemático e regular com o segmento mais jovem da população da região, e particularmente com a população escolar.

Pretende-se que o projecto “Meu Douro” venha a constituir um desafio importante no processo de afirmação futura da região que é reclamado aos mais novos. A partir de uma vivência experiencial e cognitiva deste território, e especialmente do recurso essencial que é o seu rio, procuramos reforçar nas gerações mais novas competências diversas ao nível da criatividade, da inovação e do empreendedorismo, capazes de contribuir para um progresso sustentado da região do Douro.

**Fernando Maia Pinto**

Director do Museu do Douro

Esta ideia de meter o Douro num garrafão de aguardente (adaptado) é estrambólica!

Quem a teve, quem a trabalhou e quem a executou devem ser “especiais”.

Esperemos que seja também um momento especial para os jovens que se entregaram de alma e coração a este projecto.

O garrafão conserva a aguardente, a aguardente conserva o vinho, o vinho não sei o que conserva (talvez a carne), mas utilizar o garrafão para conservar o presente e a memória é uma ideia interessante para o Museu do Douro.

**Osório levou Ema para uma propriedade que tinha na região mais solitária do Douro, e ficaram sós três dias. Era tenebroso o rio, altas paredes de granito negro modelavam as águas; (...)**

**Agustina Bessa Luís**

Em BESSA LUÍS, Agustina, *Vale Abraão*. Lisboa: Guimarães Editores, 1999.

## **Apresentação**

Meu Douro – Projecto com Escolas 2009/2010 propôs-se como interrogador de sentidos de comunidade, papel que o museu como recurso da sociedade civil pode assumir. Este novo projecto surge na continuidade dos projectos com escolas lançados pelo Serviço Educativo do Museu do Douro nos anos anteriores – Projecto ‘O Espaço’ em 2008/2009; o Projecto ‘Água 2007 E 2008’ e o ‘Projecto Postal Torga’, em 2007.

Este ano, as escolas e professores que se interessaram e quiseram ter o Museu do Douro como recurso activo, fora das suas paredes, pertencem aos concelhos de Armamar, Baião, Mesão Frio, Peso da Régua, Resende e Vila Real. Foi com eles que este projecto se concretizou e do qual se apresenta, de Maio a Outubro de 2010, a exposição dos trabalhos finais – sínteses do projecto. Ao longo do ano de 2009/2010 a circulação de ideias, objectos, experiências, aprendizagens em contextos que se pretendem criativos, experimentais e avessos ao conservadorismo aconteceu nas trocas entre o museu e a escola, com os 560 professores e alunos envolvidos, os convidados especialistas, os formadores e a equipa do serviço educativo.

Meu Douro – Projecto com Escolas 2009/2010 foi um projecto direccionado para as realidades e representações do quotidiano, procurando envolver as pessoas e os seus modos de ver.

Este Projecto, respondeu, para o seu objecto síntese, ao desafio de Álvaro Domingues que, enquanto comissário da exposição ‘Rios Douro’, propôs a utilização de um garrafão de aguardente reinterpretado – como objecto de trabalho para os alunos participantes. Neste garrafão, inspirado nos velhos garrafões de aguardente, foi pedido às crianças e jovens que, no fim do processo do projecto, **recriassem lá dentro a identidade do seu Douro – uma cápsula; um relicário de lembranças ou de imaginários** para a Exposição Final do Projecto no Museu.

A exposição ‘Rios Douro’, na qual este projecto se integra, pensará o rio como “Estrada de Água”, como “Estrada de Ferro” e como “Estrada das Turbinas” três metáforas possíveis para perceber os diferentes caminhos do rio. Segundo Álvaro Domingues, a partir destas metáforas podem construir-se sentidos que reflectem muito daquilo que são as expectativas, os consensos ou os desacordos sobre o que é ou pode ser o rio: estrada para turistas, preocupação de ambientalistas, fonte de energia renovável, infra-estrutura de transporte, santuário de biodiversidade e patrimónios culturais, ligação ou fronteira entre lugares.

O Projecto desenvolveu-se, em várias etapas, das quais se destacam, o trabalho próximo com os professores parceiros e com as crianças, adolescentes e jovens dos diferentes concelhos das escolas participantes. Como apoio para motivação e arranque do Projecto na sala de aula cada professor recebeu um dossier de projecto e, ao longo dos meses de Outubro, Novembro e Dezembro, decorreu o ciclo de conferências para os professores do projecto (mas aberto a todos os professores e outros educadores interessados) com especialistas de diferentes áreas: da paisagem à história, da arqueologia à fotografia, da educação não formal à geografia.

Janeiro a Abril foram os meses de encontro com as crianças e jovens participantes no projecto que fizeram, nos espaços do museu, as oficinas de experimentação de imagem animada, de ciência – luz e cor e ambiente – e do som. Estas áreas foram igualmente exploradas no ciclo intensivo semanal de oficinas para professores. Nestes momentos mais práticos deu-se primazia à experiência sensorial, fundamental para o desenvolvimento do pensamento e acção do indivíduo em formação. Em Maio, decorreu a chegada e montagem dos objectos sínteses de cada grupo participante para a exposição no museu.

Com o Meu Douro – Projecto com escolas 2009/2010 pretendeu-se mobilizar as escolas, revelar e despoletar vivências, memórias pessoais e concretizar o trabalho de **desmontar, rever, re-olhar, re-percorrer e repensar**, o que são e como são os lugares de um território e como se interrogam relações múltiplas entre indivíduo e paisagem.



## Meu Douro

Álvaro Domingues\*

No âmbito da programação do Museu do Douro, “Rios Douro” foi uma exposição pensada para rever a identidade do Alto Douro Vinhateiro a partir do rio Douro. Desdobrada a partir de três narrativas - a “Estrada de Água”, a “Estrada de Ferro” e a “Estrada das Turbinas” -, pretende-se trazer à história da paisagem da região, o passado, o presente, o futuro, a pluralidade e a contradição sobre um rio e uma região que entretanto se fixaram em lugares comuns.

Perdidos os nexos “funcionais” da relação do rio com a produção do vinho, e perdida a relação mercantil pela estrada de água que levava da região vinhateira ao Porto, a nova construção de sentidos e os seus diferentes significados e símbolos orienta-se agora para o turismo. De “rio de mau navegar”, o rio Douro transformou-se numa presença e numa experiência estéticas, num recurso de produção de imaginário onde navegam rabelos e onde se reflecte a paisagem dos socalcos. A própria dureza do trabalho que construiu esses socalcos, está agora maquilhada em mensagens genéricas – “a natureza e o homem” – para que não se lhe perturbe a estética.

A imagem da paisagem quase “descolou” da sua realidade para funcionar apenas como ficção. Nessa tarefa apressada, o tempo curto ou longo da história comprime-se numa única imagem onde se fixa um tempo primordial e uma realidade supostamente imutável: a escadaria gigantesca dos socalcos, o espelho da água preso entre barragens, a transparência de certa luz do Outono ou as neblinas misturadas com as fogueiras das vides, as amendoeiras em flor, o verde seco das oliveiras, a pose majestática das velhas quintas com pomares de laranjeiras e silhuetas de ciprestes, os lagares, um falso rabelo e um cálice de Porto.

O rio é antes de mais um cenário, uma imagem poderosa, um ícone, um espectáculo. Demasiada estetização da paisagem que só aumenta tensões e ansiedades a vasculhar em identidades julgadas perpétuas mas que, afinal, nem saíram dos tempos bíblicos, nem de tempos serenos e metabolismos lentos. O Douro tornou-se assim numa terra com excesso de identidade que resulta desta oscilação entre o genérico ou o postal, desta constante sobre-exposição de uma pequena região que é comandada sempre de fora - de fora para dentro -, através dos elos fortes ou frágeis da fileira económica do negócio do vinho, agora combinado cada vez mais com o turismo.

No entanto, as paisagens não são mortórios e as identidades são construções instáveis, memórias, futuros e traumas mais inquietos que o Cachão da Valeira que jaz submerso. A paisagem é registo da sociedade que muda e que vai deixando marcas dessa mudança.

O “Meu Douro” é um projecto direccionado para a mistura de realidades e de representações do quotidiano, procurando envolver experiências pessoais, memórias partilhadas e seus modos de ver. Num garrafão inspirado nos velhos garrafões de aguardente, será pedido às crianças que recriem lá dentro a identidade do “seu” Douro, que construam uma cápsula ou um relicário de lembranças e imaginários, invenções e realidades, que toquem, que desvendem, que revelem vivências e memórias “com o rio ao fundo” e com gente dentro. Podem-se perder alguns dos lugares comuns das paisagens ficcionadas convertidas em imagens de marca, mas ganhar-se-á em ofício de construção da realidade, de conhecimento do outro, de sentido do que é de todos, do que é a casa comum que se representa em paisagem. Só se pode amar aquilo que se conhece, como dizem.

Abril 2010

\*Álvaro Domingues – Geógrafo e Professor  
Associado da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

**Corre como um rei cercado e aflito, chocando contra as muralhas do castelo.**

**Jaime Cortesão**

Em ANDRADE, Eugénio de, org. — *Canção do Mais Alto Rio*. Porto: Edições Asa, 1990, p. 21.

## **Percurso e Programa do Meu Douro – Projecto com Escolas 2009/2010**

Meu Douro – Projecto com escolas 2009/2010 assentou:

- Na observação, pesquisa e acção sobre o rio e as suas representações, outros usos, modos de pensar, imaginar e de projectar.
  - Num trabalho próximo com os professores e alunos permitindo o contacto com diversos saberes e experiências.
  - Na presença dos alunos em actividades promovidas pelo Museu que permitam instalar novidades nas rotinas escolares assim como estimular outros modos de viver, expressar e sentir a presença do (s) 'Rios Douro'.
  - Na vivência activa de um novo espaço: o edifício sede do Museu do Douro.
- Nesta sede do Museu, inaugurada em Dezembro de 2008, é desejável que se instalem e desenvolvam hábitos de utilização como recurso cultural e educativo.

### **Objectivos do Projecto**

- Revelar vivências e presenças do rio nos quotidianos das crianças, dos jovens e dos seus professores.
- Desenvolver a consciência individual cívica.
- Desenvolver a criatividade na resolução de problemas.
- Expressar opiniões, observações, saberes, aprendizagens, ideias e imaginários concretizando-os através de diferentes expressões.
- Saber trocar, partilhar e gerir recursos materiais e humanos.

### **Público-alvo**

A implementação e desenvolvimento do projecto teve em atenção a diversidade de narrativas e experiências de acordo com as várias faixas etárias implicadas na construção do projecto. Participaram no Projecto alunos do 1º, 2º, 3º Ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário.

### **Eixos do Projecto**

Numa lógica sequencial o Projecto teve como etapas principais:

#### **MOTIVAR. PROBLEMATIZAR. LEVANTAR HIPÓTESES.**

- O trabalho de preparação do Projecto, através da produção de materiais desbloqueadores e motivadores da temática em questão para o dossier do projecto e do ciclo de sessões de trabalho para professores e outros educadores com especialistas de diferentes áreas do conhecimento, momentos preparatórios à dinamização do projecto pelos professores.
- A implementação e desenvolvimento do projecto do professor com os seus alunos.

#### **EXPERIMENTAR. VIVENCIAR. EXPERIMENTAR OUTRA VEZ.**

- O trabalho prático com professores, estimulando o contacto entre colegas de diferentes sensibilidades e diferentes áreas, assim como na criação de propostas de trabalho para enriquecimento do trabalho em sala de aula.
- A vinda ao Museu das crianças e jovens para a realização de actividades – oficina da imagem, oficina do som e oficinas da ciência – ambiente e luz e cor.
- Oferta do Garrafão desenhado para o Projecto.

### SINTETIZAR. PREPARAR PARA APRESENTAR.

– A preparação do objecto - síntese – o garrafão – para ser apresentado em exposição no museu.

### EXPOR. MOSTRAR PARA AVALIAR E DAR A CONHECER.

– Exposição do objecto síntese do projecto desenvolvido nas escolas.

## Tempos do Projecto

### Outubro a Dezembro de 2009

#### A MOTIVAÇÃO. A PESQUISA.

Uma das maiores apostas deste projecto foi a do trabalho próximo com os professores parceiros em actividades de formação. Procurou-se com o dossier do projecto, com as sessões de trabalho com especialistas e no ciclo de oficinas experimentais, colocar mais questões e propor mais hipóteses de práticas para interrogar ideias feitas e desmontar estereótipos a serem trabalhados com os alunos.

#### Dossier de Projecto

O Dossier de Projecto para professores foi preparado para apoiar na motivação e multiplicação de pontos de vista sobre a temática em questão. Cada dossier continha:

- um jogo de imagens e textos baseado ‘O rio é... e também é...’;
- uma proposta para realização de primeira tempestade de ideias sobre o projecto ‘O que é para mim, o rio?’;



- um mapa desenhado do rio para consulta de material vídeo e audiovisual seleccionado para o projecto;
- uma compilação de letras de canções sobre rios;
- “*Ler. Ver. Ouvir. Consultar.*” – uma lista com documentação e bibliografia para apoio na pesquisa na escola, na biblioteca ou em casa.

#### Sessões de trabalho para professores e outros educadores

Pretendeu-se com este ciclo de sessões de trabalho enriquecer a multiplicidade de pontos de vista nas abordagens e sentidos do Meu Douro pelos professores com os seus alunos. O ciclo reuniu convidados especialistas de diversos domínios dos saberes e experiências: educação não formal; geografia; paisagem; fotografia; história da arte e arqueologia; arquitectura e história da ciência.

#### Programa das sessões

PROJECTOS COM ESCOLAS, Elvira Leite e Sofia Victorino (Fundação de Serralves – Serviço Educativo).  
GEOGRAFIAS, Maria Helena Mesquita Pina (Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Departamento de Geografia).  
PAISAGEM, Álvaro Domingues (Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto).  
FOTOGRAFIA, João Paulo Sotto Mayor.  
ESTRADA DE ÁGUA, Lúcia Rosas e Teresa Soeiro (Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Secção de História da Arte e Secção de Arqueologia).  
POLÍTICAS, Ricardo Magalhães (Estrutura de Missão do Douro – Chefe de Projecto).  
ESTRADA DE FERRO e ESTRADA DE TURBINAS, Marta Macedo e Tiago Saraiva (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa).

### Janeiro a Abril de 2010

#### Um garrafão para cada grupo

O garrafão de aguardente reinterpretado foi uma proposta de Álvaro Domingues para o objecto de intervenção nas escolas. O garrafão foi desenhado por Fernando Maia Pinto e realizado pela Ifavidro (Martigança). Este objecto foi proposto como um relicário pessoal, como um instrumento para o exercício de observação do mundo e foi tido em conta no desenho de todas as oficinas do projecto para apoiar a projecção e execução do mesmo na escola.

#### A EXPERIMENTAÇÃO. A ACÇÃO.

Estes foram os meses de desenvolvimento do projecto, envolvendo a circulação de professores e alunos na experimentação de áreas cruciais na sensibilização da criança, do adolescente e do adulto. Promoveu-se o alargamento e multiplicação de sensações e ideias para interrogar os lugares e os espaços onde vivem e as suas representações.

Todas as oficinas foram desenhadas tendo em conta a diversidade de faixas etárias e apostando no trabalho com professores e alunos.

#### Oficinas | Professores

O trabalho com professores permitiu, ao longo de dois meses, reunir um grupo de professores e educadores que, gentilmente, cedeu o seu tempo, para um trabalho de partilha e discussão com as várias propostas de artistas e cientistas – oficinas de imagem, do som, da ciência - ambiente, luz e cor – que propuseram modos de operar sobre a realidade e dar mais ferramentas para pensar/projectar sobre este território de intervenção, a realidade geográfica do Douro.

Neste momento do Projecto, foi fornecido o garrafão – objecto para a síntese do projecto – a cada professor de cada grupo participante.



#### Oficinas | Alunos Oficina Imagem em Movimento

Esta oficina assenta na sensibilização para os processos de criação da imagem através da construção do brinquedo óptico **zootrópio** num garrafão.

Após a apresentação deste **garrafão – zootrópio** e do visionamento das experiências de imagens de Eadweard J. Muybridge (1830-1904) e Étienne Jules Marey (1830-1904) foi desenvolvido um trabalho de consciencialização do corpo e das suas articulações que preparou o desenho de uma sequência de movimento para as bandas do zootrópio. Interessava aqui desenvolver um trabalho sobre o corpo em movimento para se criar depois a representação em imagem desse mesmo movimento. A esta experiência gráfica seguia-se uma outra proposta sobre cor e forma, explorando as possibilidades da plasticina para a construção de uma segunda banda para o zootrópio.



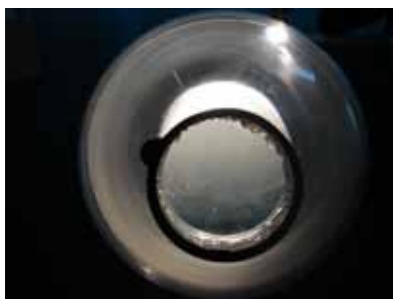
#### Oficina dos Sons

A exploração de materiais de vidro (garrafas, garrafões...) como matriz de percussão e a criação de uma **'orquestra de garrafas'** foram a base de trabalho desta oficina. Com um conjunto de garrafas com água afinadas para o efeito, o grupo experimentava a exploração de uma breve frase musical tendo uma colher de refresco como baqueta. Após esta exploração e preparação, cada aluno com a sua nota-garrafa trabalhava a frase, sendo acompanhado ao piano no bar do Museu. A par desta actividade nuclear foi também explorado o programa de software livre para edição de áudio digital – *Audacity* – como ferramenta para a construção de sequências sonoras.



#### Oficinas da Ciência – Ambiente

As oficinas de Ciência – Ambiente, do Mundo Científico, iniciavam-se com uma experiência construída pela criança ou jovem, ao simular, numa pequena caixa de plástico, o ciclo da água. A propósito desta relação fundamental com o elemento água foram explorados outros tópicos: a importância da água potável através da experiência do **garrafão – dessalinizador**; a necessidade de contactar e perceber as potencialidades das energias não poluentes e renováveis através do **garrafão colector** e do **garrafão – forno solar**. Como remate cada participante construía o seu mini forno solar para poder realizar a experiência fora dos muros do museu, na escola ou em casa.



#### Oficinas da Ciência – Luz e Cor

As oficinas de Ciência – Luz e Cor, concebidas também pelo Mundo Científico, desta vez, dedicadas à óptica pretendiam convocar na criança e no adulto uma percepção mais informada dos fenómenos físicos da visão. Através do tacto e da imagem percebia-se a constituição anatómica do olho humano. O fenómeno da inversão da imagem era explorado no **garrafão – olho** e na manipulação de lentes biconvexas. Para trabalhar a luz e a cor foram criados 'arco – íris' dentro da sala de trabalho através da utilização da projecção de luz sobre objectos contedores de água – copos, **garrafão refractor** e do fenómeno da difracção utilizando CD's reciclados. O fenómeno da cor era também explorado através da visão do espaço interior com bandas de papel celofane vermelho e através da construção individual de um Disco de Newton e da manipulação do **garrafão – caleidoscópio**.



**... toda e qualquer paisagem é a mediação entre a  
minha subjectividade e o mundo das coisas.**

**Aurora Carapinha**

Em CARAPINHA, Aurora – *De uma reflexão sobre a paisagem*. Meu Lugar, Minha Cidade – 2001 e 2002:  
Habitaes Serralves. Porto: Fundação Serralves, 2002, p. 32.

## Maio a Outubro de 2010

### A SÍNTESE. MOSTRAR PARA AVALIAR.

A mostra dos trabalhos tem como critério a presença dentro do Museu de lugares e pessoas da comunidade escolar que quis criar e desenvolver um ano de trabalho com o Museu. Os garrafões – objectos síntese do projecto, trabalhado ao longo do ano, estão expostos nos espaços do Museu para mostrar, divulgar e avaliar.

**Por quem o fez e para quem o visita.**



## eu sou paisagem

Samuel Guimarães\*

Camões - *Acredito na força do teu ânimo.*

Timoneiro – *Mas eu sem mapa não vou!*

Camões – *Faz o seguinte: olha-te ao espelho, a tua cara é um mapa. A tua curvatura labial, por exemplo, é muito parecida com o Golfo da Guiné; e a tua respiração nasal, assaz ruidosa, assemelha-se a um vento alísio, sim, de nordeste. As tuas sobrancelhas, são montes sobranceiros à navegação previdente. Vá lá, não andes tão à bolina, ainda ficas com um defeito no pescoço! O teu olho esquerdo é o Cruzeiro do Sul e o teu olho direito a Estrela Polar; a tua cabeça é um mundo cheio de novidades bizarras. Só a tua cabeleira não ajuda muito por escassez de matéria-prima.* (Carlos J. Pessoa, *Gesta marítima*, texto e encenação do espectáculo do Teatro da Garagem, estreado na Estufa Fria de Lisboa, Julho 1994).

**Eu sou paisagem.** Eu sou paisagem é a ideia chave do trabalho de educação desenvolvido nos projectos com escolas e nos diferentes programas do serviço educativo deste museu. As actividades visam o enriquecimento das relações sensoriais e conceptuais do indivíduo para que este possa interpelar, de modo mais inquiridor, os lugares e paisagens em que vive.

Esta aposta na criação de contextos criativos onde as actividades têm uma abordagem plurissensorial e de experimentação, através do corpo, é um modo de operar (entre muitos outros) sobre realidades específicas deste território, já que acreditamos que não se entende um lugar sem consciência de si nesse mesmo lugar. Esta consciência de si passa por um corpo mais desperto, que se move e que se desloca no espaço com mais acuidade. Acuidade visual, sonora, olfactiva, táctil e gustativa compreendida e entendida através do corpo e exploradora de (novas?) paisagens visuais, sonoras, tácteis, olfactivas e gustativas. Damos uma atenção particular ao trabalho dos sentidos, do seu cruzamento, na sensibilização para a percepção quinestésica. A abordagem e construção destas matérias recebe uma aparência de insólito mas é nela que insistimos porque será nesta divergência que se micro emancipam as pessoas e os lugares que as fazem:

*Habitar /habitar por excesso /habitar por defeito/ver aquilo que é habitado /mostrar que isso é habitado / ver o tempo habitar o espaço/ ver o tempo abandonar o espaço /*



Kabrrumm, espectáculo - encomenda para o 'Água 2007 E 2008' Projecto com Escolas



Mapa Percurso –  
Intervenção nas escolas  
no âmbito do Água' 2007  
E 2008' Projecto com  
Escolas

*(...) É preciso dançar nos prados /Enquanto há prados... (...).  
Ver é decifrar. Olhar é construir. Só se mostra o que se vê quando se olha. Se a criação não enfrentar o atrito, será tão só recreio. (Regina Guimarães, Cartas a AC, Porto: Cadernos do Rivoli, 2004 , p.7 e 10).*

Aqui no museu, a equipa do serviço trabalha, por dentro e para fora, recebendo formação com encenadores, videastas, com coreógrafos, com actores, com outros artistas, escritores, cientistas para poder nas suas propostas, e também, ela, enquanto corpo de grupo, criar, propor, executar, avaliar, reformular e recriar. Para não se perder a oportunidade de uma oferta mais consentânea com um território em que os desfasamentos, em termos de centros e periferias, são mais evidentes, em que as relações de poder e vínculo, marcadas na paisagem, são também mais óbvias.

Daí a necessidade do diverso, do avesso ao mono-pensamento, ao monográfico, à monocultura para que a circulação e troca de ideias, de pessoas e sensações possa ser uma realidade.

O trabalho desenvolvido é, maioritariamente direccionado, para a comunidade escolar por se considerar que esta é uma comunidade prioritária, que interessa estimular e cujo fechamento geográfico interessa inquirir e intervir. Actualmente, esta é uma postura que recebe críticas, por se considerar um público instrumentalizável para os públicos da instituição. No entanto, a condição do trabalho de educação não formal no Museu do Douro não é, nem pode ser, a de criação de um grupo de *'habitués'*. A criação de públicos mais emancipados e mais generosos nos hábitos culturais será mais correcta do que a formação de públicos para este ou aquele museu. Por isso, as acções são realizadas, dentro e, muitas vezes, fora dos espaços físicos do museu, através de actividades de experimentação em que se provoca o inesperado, o excitante, e, se possível a transgressão do convencional (não por uma atitude arrivista mas porque se propõe mais do que um ponto de vista).

Muitas das práticas observadas nas representações dos espaços e lugares por crianças e jovens orientadas pelos seus professores assentam ainda nos estereótipos pertencentes às molduras românticas e nacionalistas do século XIX que o antigo regime fascista soube reactivar. É interessante que a imagem digital como suporte em (quase) nada veio alterar este modo de representar. *Muitas vezes sob a capa da objectividade transparecem os valores e as crenças dos diferentes agentes educativos envolvidos (investigadores, professores, alunos) que mostram como o sistema de ensino está carregado de valores e que os ensinamentos são, portanto, sistemas culturais.* (Marina Prieto Lencastre e Rui Leal, *Narratividade e literacia ambientais: o projecto TERRA*, em Como abordar... o Trabalho de Projecto, Porto: ed. Areal, p.101).



Desenho de aluno da EB1 de Arneirós, Vila Real no âmbito do Espaço – Projecto com escolas 2008/2009

Esta desmontagem dos estereótipos não é, de todo, rápida e nem sequer é consensual este desejo de alteração. No nosso caso, passa por mostrar e fazer com mais variedade, com mais diversidade de oferta e com conteúdos e práticas que, de outro modo, crianças, jovens, professores não teriam acesso, seja por questões geográficas, geracionais ou pelos contextos mais ou menos conservadores ou ortodoxos (que não cabe aqui julgar) dos processos de aprendizagem, seja na escola ou na família.

Esta necessidade de aumentar e diversificar ofertas é também um sinal de que as artes e o conhecimento em geral como mecanismos de cidadania, não são dados de acesso tão democrático como se gostaria em pleno século 21. Os problemas endémicos das deslocações – os transportes e a rede viária deficitária, entre outros dados, que o trabalho no terreno nos fornece, faz-nos crer que é mesmo uma oportunidade para crianças, adolescentes, jovens e adultos saírem, conhecerem, circularem e contactarem com outras linguagens e que os museus, os centros culturais, os teatros, em territórios mais fechados, têm este papel acrescido.

Há precisamente um ano atrás perguntámos: *Num futuro próximo, dentro de 10 a 15 anos, as crianças e jovens que contactaram com as actividades deste projecto estarão na vida activa, terão os direitos e deveres de uma cidadania portuguesa e europeia. Como serão os espaços que os envolvem? E sobretudo como olharão e actuarão sobre esses mesmos espaços? Como será lido o território, o mundo e o universo? Como e com que ferramentas se viverá, se imaginará e projectará sobre estas realidades? Como se configurará a vida nesta região do Douro ou noutras regiões onde viverão estas crianças e jovens? Estas são algumas das questões que nos implicam nesta decisão de trabalhar com escolas em projectos e de os mostrar.* ('O Espaço' – Projecto com escolas, Publicação do Projecto, Ed. Museu do Douro, Junho de 2009).

As perguntas, durante e após o projecto que nos ocupa neste momento, aumentam:

- O que é **meu** num lugar?
- De que **me** apropriado, quando olho, ouço, cheiro, toco, saboreio... quando circulo de carro, de camioneta, a pé, de mão dada ou de mãos nos bolsos?
- O que **me** estimula nos espaços e lugares em que permaneço – na sala de aula, na escola, no jardim, à beira rio, no museu, no teatro, nos miradouros, no hospital, na câmara, no tribunal, no campo agrícola, no terreno em socacos, no pomar, numa mata ou no **meu** quarto?
- Quem são as pessoas que vivem aqui? São todas de cá?
- Como projecto a **minha** vida neste ou naquele lugar? Como é que sei que este lugar é **meu**?
- Como realizo mudanças?



Desenho de aluno de EB1 da S. Cibrão no âmbito do 'O Espaço' - Projecto com escolas 2008/2009

“Era uma vez...

*um menino chamado Carcobeine. Os seus pais tinham-lhe dado este nome porque eram fãs dos Nirvana, uma banda rock liderada por um cantor que se chama Kurt Cobain. Carcobeine tomara-se amigo – ao brincar no parque – de uma menina chamada Suelen. A mãe não perdia um episódio da telenovela Dallas que contava a história de uma certa Sue Ellen e da sua vida de mulher na carreira profissional. Carcobeine e Suelen tinham percebido depressa que para se moverem bem desde pequenos no grande supermercado que é a vida era necessário começar a simular serem adultos desde crianças: tinham tido a sorte de lhes terem dado dois nomes que nem sequer podiam ser estropeados em diminutivos e que, já desde quando usavam cueiros, os tinham destinado a um papel de integrados, embora na sua triste e exótica excentricidade. Suelen sabia tudo sobre modelos e vestidos dos estilistas e, Carcobeine, sabia de memória as equipas nacionais nos mundiais de futebol (...). Para eles, quatro anos, queriam dizer quatorze ou vinte e quatro ou trinta e quatro que teriam sido num relâmpago quarenta ou cinquenta, sessenta e quatro. Carcobeine tinha começado a envelhecer, por volta dos vinte anos, num clube de diversão organizado nas costas do Mediterrâneo. Os seus pais tinham sido hábeis a cancelar, desde o dia em que os baptizaram, o seu estatuto de crianças: à força de os criarem **de acordo** com eles, tinham-nos criado exactamente **como** eles.* (Paolo Landi, *Manual para criação do pequeno consumidor*, Lisboa: Publicações D.Quixote, 2001, p 81-82).

Mais uma pergunta: como se diversificam as possibilidades de relação entre os lugares e os sujeitos, criando-se mais pontos de vista?

As velocidades do viver contemporâneo aumentam em quantidade e em contínuo desfasamento. A posse, a memória, a apropriação, a criação, os estímulos, o confronto com o diferente, com o estrangeiro, seja ele um ser humano, uma prática ou uma técnica convoca-nos para uma maior atenção para *uma cultura [que] está baseada no excesso, na sobre produção; o resultado é uma gradual perda de agudeza da nossa experiência sensorial. Todas as condições da vida moderna – a sua abundância material, a sua franca aglomeração – conjugam-se para amortecer as nossas faculdades sensoriais. E é à luz das condições dos nossos sentidos, das nossas capacidades (e não das de outra época) ...que é importante recuperar os nossos sentidos. Temos de aprender a ver mais, a ouvir mais, a sentir mais.* (Susan Sontag, *Contra a Interpretação e outros ensaios*, Lisboa: Gótica Editora, 2004, p. 32 – **texto original de 1964**)

É este **mais** que perseguimos. Devagar (ou depressa) como o dedo que percorre o mapa.

## Tudo o que conhecemos é, simultaneamente, uma coisa

car Brenifi

Em BRENIFIER, Oscar; DESPRÉS, Jacques (ilustração) –  
*O livro dos grandes opostos filosóficos*. Paris: Éditions Nathan, 2007.

## Museu, escola, projecto

Elvira Leite\*

É curioso constatar que as entidades culturais e nomeadamente os museus, reforçaram a sua vocação educativa/cultural apresentando programações que envolvem: encontros, visitas guiadas, actividades, projectos apelando ao envolvimento do público escolar: professores, educadores, crianças, adolescentes... No contacto directo com o espaço físico, as coisas, as pessoas e as propostas culturais, pretende-se valorizar um melhor uso dos sentidos; provocar o questionamento, desenvolver o conhecimento, a prática criativa e a prática do projecto. Mas o museu não é nem pretende ser a escola, o museu não se sobrepõe a ela nem a substitui. **A escola** tem um papel bem definido e insubstituível **é o espaço do ensino formal**; a escola ensina o que lhe é exigido que ensine, os alunos têm de aprender e progredir, mas todos sabemos que na acção educativa cultural a escola necessita de complementaridades.

O museu, portanto, faz falta à escola, mas creio que o contrário também se verifica. O museu não existe como entidade cultural sem público. O museu democratizou-se, tornou-se flexível nos seus pressupostos, produziu novas dinâmicas, tornou-se apelativo no sentido de chegar a todos e não apenas a uma elite.

**O museu é um lugar de** confronto de ideias, de comunicação, de fruição, de **aprendizagens não formais**. No museu, as actividades soltam as ideias sem preconceitos, estimulam a criatividade e propõe uma aproximação adequada dos públicos, à cultura culta. Mas eu acho que o museu também anima a escola que com ele se envolve, valoriza-a, revela áreas de actividade humana desconhecidas, inexploradas acrescentando algo relevante sobre o conhecimento da vida humana. O museu oferece oportunidades para que se saia da rotina do dia-a-dia da escola, para que a escola se abra à comunidade e crie novos interesses de cidadania. Na minha perspectiva, **a escola sem o museu fica empobrecida** e por isso há que superar as possíveis limitações a esta junção escola e museu. Num país com tantas carências como é o nosso, não podemos desperdiçar recursos de tanta qualidade.

**O conceito de projecto** está interiorizado no seio da escola e os projectos diversificam-se; praticam-se segundo as possibilidades, as habilidades, os desinteresses, os interesses, os saberes, os desejos dos seus participantes: professores, educadores, alunos...

Mas os projectos exigem qualidade na relação interpessoal e de ensino/aprendizagem, exigem rigor e liberdade nas abordagens, nos processos e produtos finais. A apresentação de um projecto quando é pública acarreta uma grande responsabilidade. Mas quem define a qualidade de um projecto quando não há um júri de selecção? Todos; os autores, os orientadores, o público, etc.

Poderá haver vários momentos e níveis de avaliação de qualidade. É fundamental que se saibam as regras do jogo e tal como no campo do Design, os dados iniciais são relevantes: *qual é a “encomenda”? Qual é o sentido pedagógico de tudo isto? O que desejamos e o que é possível fazer bem feito? E o que é o bem feito? É a resposta às intenções? E as intenções são discutidas? Apuradas? Depuradas?*

Num projecto lançado por uma entidade exterior à escola, a partir de uma temática inesperada, mobilizam-se aprendizagens, partilham-se experiências e conhecimentos, metem-se pés ao caminho, desperta-se o imaginário e a capacidade de realização crítica e criativa, sente-se a responsabilidade e a necessidade de rigor na liberdade de escolher. Mas o projecto é sobretudo um processo em que crianças ou adolescentes nele se vão envolver com autoria. O projecto é sobretudo deles e consequentemente irá ter a sua marca. Os adultos – educadores e professores – que com eles trabalham, vão ter uma missão da maior relevância: acompanhamento, supervisão, apoio, disponibilidade para responder às solicitações cognitivas, criar condições para despertar a criatividade; os grupos em acção formarão uma entidade de concepção, produção e avaliação mediadas por aprendizagens que se consideraram relevantes no processo.

Aspectos a ter em conta: a economia de recursos e não o esbanjamento; encontrar o tempo adequado para realizar o projecto; recorrer à criatividade, à inovação contra a banalização e o estereótipo e, mais uma vez, se sublinha, valorizar e integrar as ideias dos seus autores/actores abrindo caminhos no sentido de uma concretização que os satisfaça.

Os professores mobilizam, conduzem, colocam questões e suscitam o questionamento, motivam, fazendo com que todos dêem o máximo das suas possibilidades para que o projecto seja de qualidade.



CABRAL, A.M. Pires, org. – *Douro Leituras II. Antologia de textos sobre o Alto Douro*. Peso da Régua: Fundação Museu do Douro, 2008.

COSTA, Pedro Campos; LOURO, Nuno – *Duas Linhas*. S.l.: Edição de Autores, 2009.

CRESPI, António Luís; CASTRO, Adriano Sampaio e; BERNARDOS, Sónia – *Flora da Região Demarcada do Douro*. Mirandela: João Azevedo Editor, 2005.

CRUZ, José; PREGITZER, André (fotog.) – *O DOURO SUBLIMADO da nascente à foz*. S.l.: S.n., 2002.

DOMINGUES, Álvaro; SOTTO MAYOR, João Paulo (fotog.) – *DOURO à la carte*. S.l.: Edições de Risco, 2009.

PEREIRA, Gaspar Martins – *De Pombal a João Franco*. Porto: Afrontamento, 1991.

PEREIRA, Gaspar Martins; Médale, Claude (fotog.) – *Memória de Pedra*. Porto: Afrontamento, 2000.

PEREIRA, Gaspar Martins, coord. – *As Águas do Douro*. Porto: Águas do Douro e Paiva, S.A./ Afrontamento, 2008.

PINA, Helena – *Alguns reflexos da implantação do caminho-de-ferro no Alto Douro no final do século XIX*, Revista da Faculdade de Letras, Geografia, I Série, Vol. XIX, Porto, 2003, pp. 397 - 414.

SERÉN, Maria do Carmo – *Fotografia no douro: Arqueologia e Modernidade*. Peso da Régua: Fundação Museu do Douro, 2006.

SERÉN, Maria do Carmo; CUNHA, Alfredo (fotog.); VELUDO, Fernando (fotog.) – *Caminhos. Catálogo da Exposição*. Peso da Régua: Museu do Douro, 2003.

SOEIRO, Teresa, coord. – *Viver e Saber Fazer. Tecnologias Tradicionais na Região do Douro*. Peso da Régua: Museu do Douro, 2003.

Sobre Trabalho de Projecto

GUIMARÃES, Samuel; MANY, Eric – *A metodologia de Trabalho de Projecto*. Lisboa: Areal, 2006

GUIMARÃES, Samuel; LEITE, Elvira, coord. – *Habitares Serralves 2001/2002*. Porto: Fundação Serralves, 2002.

LEITE, Elvira; MALPIQUE, Manuela; SANTOS, Milice Ribeiro dos; MAGALHÃES, António Barbedo de; NOGUEIRA, Luísa Corte-Real (colab.) – *Trabalho de projecto*. Porto: Afrontamento, 2001.

LEITE, Elvira; SANTOS, Milice Ribeiro dos – *Nos trilhos da área de projecto*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2004.

LEITE, Elvira; VICTORINO, Sofia – *Serralves Projectos com Escolas 2002–2007*. Porto: Fundação Serralves, 2008.

## LISTA DE ESCOLAS E PROFESSORES PARTICIPANTES

### ARMAMAR

EB1 Aldeia de Cima - Delfina Cardoso, Taciana Fernandes.

### BAIÃO

EB2,3 Ancede - Anabela Nunes, Antónia Mendanha, António Camelo, António Rodrigues, Mónica Coutinho.

### MESÃO FRIO

EB2,3/S Prof. António da Natividade - António Correia.

### PESO RÉGUA

Colégio Salesiano de Poiares - Carla Fernandes, Hamilton Rodrigues.

EB1 N°2 Peso da Régua - Bernadete Pinto, Manuela Soares, Maria Macedo, Teresa Mendes.

EB1 N°3 Peso da Régua - Belarmina Pinto.

EB2,3 Peso da Régua - Ana Gouveia, Ana Teixeira, António Manuel Ferreira, Lídia Coutinho, Luís Teixeira, Margarida Teixeira.

ES/3 Dr. João Araújo Correia - Agostinha Araújo, Artur Matos, Helena Marques, Isilda Rodrigues, Maria Azevedo, Teresa Vicente, Olinda Fontes.

### RESENDE

EB2 Resende - Olga Andrade, com Abel Costa, Clara Proença, Fernando Teixeira, José Vasconcelos, Luis Botelho, Manuel Tuna, Marinho Almeida, Paula Lobão e Paulo Lourenço.

### VILA REAL

EB1 Andrães - Jorge Filipe, Teresa Carriço.

EB1 Vila Real N°3 - Cristina Pereira, Dulcília Cruz, Luísa Pipa.

**Um homem faz sobre a Terra a mesma figura que um piolho de uma linha de altura e de um quinto de largura sobre uma montanha de mais ou menos 15700 pés de circunferência.**

**Voltaire (1694-1778). O livro dos disparates**

## **Ficha Técnica do Projecto**

### **Equipa do Serviço Educativo do Museu do Douro**

Marisa Adegas, Pedro Silva, Samuel Guimarães (coordenação), Sara Monteiro, Susana Rosa.

### **Ideia e Objecto de intervenção**

Álvaro Domingues

### **Desenho do objecto garrafão**

Fernando Maia Pinto

### **Produção do objecto garrafão**

Ifavidro

### **Formação**

António Correia, Carla Correia e Mundo Científico (Jorge Ferreira, Rita Rocha, Cláudia Albergaria)

### **Orientação oficinas | professores**

António Correia, Carla Correia, Mundo Científico (Jorge Ferreira, Rita Rocha, Cláudia Albergaria)

### **Orientação oficinas | alunos**

Serviço Educativo do Museu do Douro. Oficina dos Sons orientadas por António Correia

### **Filme para o Projecto**

Carla Cabral e José Artur Matos

### **Registo vídeo**

José Artur Matos e Serviço Educativo

### **Documentário do Projecto**

José Artur Matos

### **Estagiárias**

Joana Cardoso  
Mariana Silva

### **Exposição**

Fernando Maia Pinto, Fernando Seara e Serviço Educativo

### **Agradecimentos**

Câmara Municipal de Armamar; Câmara Municipal de Peso da Régua; Câmara Municipal de Resende; Câmara Municipal de Vila Real pela colaboração na cedência de transporte aos agrupamentos escolares.

Aos oradores que participaram nas sessões de trabalho para professores: Álvaro Domingues, Elvira Leite, João Paulo Sotto Mayor, Lúcia Rosas, Maria Helena Mesquita Pina, Marta Macedo, Ricardo Magalhães, Sofia Victorino, Teresa Soeiro e Tiago Saraiva.

A todos os alunos e professores e todos os demais envolvidos que aceitaram o desafio de participar e construir este projecto.

### **Contactos**

Fundação Museu do Douro  
Rua Marquês de Pombal  
5050 – 282 Peso da Régua  
Tel.: 254 310 190  
Fax: 254 310 199

### **Horário da Exposição**

Terça – Domingo  
10h00 – 18h00

### Frases sobre Rios. Para continuar o projecto...

*De fora, ficarão outros sentidos, ..., como os odores, os ventos, os frios e os calores, os ruídos e a música (cuja pauta, as vinhas torna demasiado óbvia), o Tempo, sobretudo o tempo que dá espessura a tudo isto.*

Fernando Maia Pinto  
Em MÃE, Valter Hugo; EFFE, Rui (ilustração) – São Salvador do Mundo. Vila Nova de Gaia: Edições Gaialivro, 2007.

... Não é de esperar que enquanto a sociedade muda à velocidade com que o faz, a paisagem fique imutável na sua quietude de fotografia de calendário ou postal electrónico.

... A necessidade de manter traços de uma identidade como quem quer ver uma foto do Alvão ao vivo e a cores ...

Álvaro Domingues  
Em DOMINGUES, Álvaro; SOTTO MAYOR, João Paulo (fotog.) – DOURO à la carte. S. l.: Edições de Risco, 2009, p. 15 e p. 20.

*A nascente desaprova quase sempre o itinerário do rio.*

Jean Cocteau (1889-1963)

*Depressa se vai a primavera  
Choram os pássaros e há lágrimas  
nos olhos dos peixes.*

Matso Bashô (1644-1694)

*Navegando como cestas à flor da água.*

Lixa Filgueiras  
Em FILGUEIRAS, Octávio Lixa – O barco rabelo: um retrato de família. Porto: A. A. Cálem, 1989, p. 31.

*C'est le pont qui fait exister les rives.*

M. Heidegger (1889-1976)  
Em VIEUX, Jacky, dir. – Le Rhône, un fleuve en devenir(s). S.l.: Plan fixe edition, 2006, p. 93.

*O viajante que passa  
Faz uma rota de  
Semi círculos com o olhar,  
...Para abarcar medida deste imenso  
Horizonte.*

Ignacio Pignatelli  
Em PIGNATELLI, Inácio Nuno – O Douro Português. Coisas que o Douro me contou. Porto: Campo das Letras, 2003, p. 159.

*... o Ganga [o Ganges] da Índia, é o rio purificador que escorre da cabeleira de Shiva.*

Jean Chevalier  
CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain – Dicionário dos Símbolos. Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números. Lisboa: Teorema, 1994, p. 570.

*Barquinho que vais para o Porto...*

*Leve-me ó senhor arrais;  
Eu peso mui pouquinho,  
Peso só quatro quintais.*

*Hei-de fazer um  
barquinho.*

*Da casca do pé da rosa,  
Para ir ver o meu amor  
Além Doiro, à Varosa.*

Quadras Populares  
Em PEREIRA, Gaspar Martins, coord. – As Águas do Douro. Porto: Águas do Douro e Paiva, SA / Edições Afrontamento, 2008, p. 111.

*O amor é um rio onde as águas de dois ribeiros se misturam sem se confundir.*

Jacques Bossuet (1627-1704)

*Agora que Céu e Terra fixados viram seus destinos:  
trincheiras e canais reconduzidos foram a seu devido curso.*

Considerações assírias sobre a criação do homem, 800 a.C. em SAGAN, Carl – Cosmos. S. l.: Gradiva, S. d., p. 311.

*Com os dias acontece o mesmo que com as idades da vida.  
Nenhum dá o bastante de si, nenhum é suficientemente bom, porque cada um tem o seu tormento ou, pelo menos, a sua imperfeição. Mas, se os virmos em conjunto, veremos neles um grande caudal de vida e alegria.*

Friedrich Holderlin (1770-1843)

Deuses-rios ou Pótamos (grego ποταμός, "rio") eram os deuses gregos dos rios, filhos do grande rio Oceano que circundava toda a Terra. Segundo Hesíodo, eram em número de três mil, o mesmo das suas irmãs oceânides, deusas das correntes, nuvens e chuva. As suas filhas eram náíades, ninfas das fontes de água doce.

Origem dos rios na mitologia grega